

MAZELAS LATINO-AMERICANAS

Quarto lugar em desigualdade

Brasil avança, mas está entre os países com maior distância entre ricos e pobres na região

JANAINA LAGE E RAFAEL ROLDÃO
internacio@oglobo.com.br

Apesar dos avanços no combate à pobreza e do crescimento da renda registrado nos últimos anos, o Brasil ainda é o quarto país mais desigual da América Latina, atrás apenas de Guatemala, Honduras e Colômbia, de acordo com o estudo “Estado das cidades da América Latina e do Caribe 2012”, divulgado pela ONU-Habitat. Mesmo assim, o Brasil registrou avanço considerável em relação a 1990, quando era o campeão no ranking de desigualdade.

— Ser o quarto pior da América Latina é como estar na zona de rebaixamento da terceira divisão porque é a região mais desigual do mundo. Mas o Brasil tem tido queda consistente na desigualdade nos últimos 12 anos — afirma o economista Marcelo Neri, especialista da FGV.

POBREZA ATINGE 1 EM CADA 4 NAS CIDADES
Os dados da ONU mostram que os 20% mais ricos na América Latina têm renda quase 20 vezes superior à dos 20% mais pobres. Mesmo o país com distribuição mais equânime na região, a Venezuela, ainda não chegou ao patamar de Portugal, o mais desigual da zona do euro. As melhoras registradas em parte da região nas últimas duas décadas foram atribuídas pela ONU ao aumento da renda do trabalho, à queda da diferença salarial e à expansão de programas de transferência de renda.

Por outro lado, o estudo revela que para alguns países a distância entre ricos e pobres aumentou ainda mais desde 1990, como em Colômbia, Paraguai, Costa Rica, Equador, Bolívia, República Dominicana, Argentina e Guatemala.

De modo geral, 124 milhões de pessoas vivem na pobreza nas cidades latino-americanas, o equivalente a uma em cada quatro pessoas em áreas urbanas. Mais da metade delas estão no Brasil (37 milhões) e no México (25 milhões). Ainda assim, vale a ressalva de que entre 1990 e 2009, período de abrangência do estudo, a proporção de pessoas vivendo na pobreza na região passou de 48% para 33%.

— Essas estatísticas de distribuição de renda são como a imagem no espelho de toda a má distribuição que temos em setores como educação, saneamento, saúde e transporte, em todos os aspectos que afetam a geração de renda — explica Rubens Cysne, diretor da EPGE/FGV.

O retrato das diferenças regionais está presente também no ranking de PIB per capita. O Brasil ocupa o 13º lugar, com um valor pouco superior a US\$ 4 mil, atrás de países como Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela, entre outros. Em 2009, Antígua e Barbados, um país de população pequena e economia baseada no setor de serviços, era o líder no PIB per capita, com valor superior aos US\$ 10 mil. O montante é 27 vezes superior ao do Haiti, o país com menor PIB per capita da região.

Em outra estatística que embute as grandes diferenças regionais, a renda média per capita da região era de US\$ 4.823 em 2009, abaixo da média mundial de US\$ 5.868.

— A desigualdade é uma marca registrada da região. E no Brasil é notável a diferença entre as diversas partes do país, entre os salários de homens e mulheres, e também na questão racial. A mudança é um processo lento nos valores que já estão introjetados na sociedade brasileira — avalia o economista João Saboya, da UFRJ.

Apesar de contar com programas de transferência de renda que se tornaram modelo e fonte de inspiração em campanhas políticas na região, Neri explica que o Bolsa Família e os projetos voltados para Previdência, aposentadoria e pensões responderam por cerca de um terço da queda da desigualdade. A maior parte foi resultado de avanços na renda do trabalho.

— Isso é na verdade uma virtude, e reflete parte da História do continente. O primeiro fator determinante para a redução na desigualdade é a educação, embora ela tenha passado de muito ruim para menos ruim no período — disse Neri. A desigualdade não é tema de análise apenas na comparação entre países. Segundo o estudo da ONU, ela se mostra presente também na avaliação entre cidades divididas social e espacialmente. Para superar a fragmentação, a ONU recomenda a combinação de estratégias de crescimento econômico com políticas voltadas para a correção da desigualdade de renda e da qualidade de vida, assim como iniciativas de integração territorial e social.

— O maior problema é que as cidades não estão combatendo as desigualdades. Algumas cidades latino-americanas têm os maiores índices de desigualdade do planeta — afirma Erik Vittrup, especialista da ONU-Habitat. ●

Colaborou Rafaella Javoski



Campeão de desigualdade. Homem recolhe madeira no assentamento de Jacobo Arbenz, na Cidade da Guatemala, dentro de um território do Ministério da Defesa

Oito em cada 10 pessoas vivem em áreas urbanizadas

Crescimento desordenado leva 111 milhões a morarem em favelas na América Latina

Com 80% de seus habitantes concentrados em cidades, a América Latina é hoje a região mais urbanizada do mundo e, ao mesmo tempo, uma das menos povoadas em comparação com o tamanho de seu território. A contradição, alerta o relatório apresentado ontem pela ONU-Habitat, reflete uma expansão desordenada e gera uma maior segmentação física e social da população.

— As cidades continuarão crescendo, e esse crescimento vai se concentrar nas favelas, uma vez que nem o mercado nem os governos têm capacidade de satisfazer a atual demanda por habitação — disse Erik Vittrup, oficial principal de assentamentos humanos da ONU-Habitat, na apresentação do relatório.

A estimativa do estudo é que, até 2050, 90% da população latino-americana já estejam vivendo em áreas urbanas. Se levado em conta apenas o Brasil, que hoje tem 86,5% de seus habitantes nas cidades, a expectativa é que a porcentagem seja alcançada em até oito anos.

— Se esses 90% estiverem distribuídos também entre pequenas cidades, tudo bem, mas se estiverem concentrados nas grande cidades, isso vai gerar pressão habitacional e impulsionar as favelas — opina Ana Amélia Camarano, especialista do Ipea.

O relatório aponta que, apesar de avanços no combate à desigualdade, a questão da moradia continua um problema em evidência. O déficit habitacional na região, que em 1990 era de 38 milhões de moradias, hoje está entre 42 e 51 milhões. Proporcionalmente, a parcela de moradores de favelas na América Latina caiu nos últimos 20 anos (hoje está em torno de 25%), mas em números absolutos cresceu e, desde 1990, a

quantidade de pessoas em habitações precárias passou de 106 milhões para 111 milhões.

— Esses números são dramáticos. Nossas projeções para 2050 são tão alarmantes que preferimos nem expô-las aqui. Isso gera uma sociedade segregada e não é um bom sinal para a economia urbana. Deveria servir de alerta para os governantes — assinalou Vittrup.

Ao mesmo tempo em que a mancha urbana vem evoluindo, o relatório indica que o crescimento demográfico, intenso de meados do século passado até os anos 1990 e que gerou oito das chamadas megacidades (todas com população superior a 5 milhões), finalmente perdeu força. Hoje, são os municípios com menos de meio milhão de moradores que se expandem mais intensamente. O fluxo migratório do campo para a cidade também perdeu o fôlego. As migrações são agora mais complexas e acontecem especialmente entre cidades, às vezes através de fronteiras. (J.L. e R.R.) ●

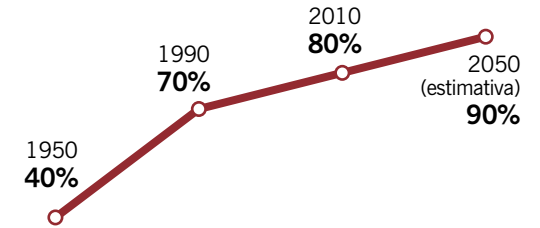
RANKING DA DISTRIBUIÇÃO

A distribuição de renda entre os países da América Latina, com base no índice de Gini, que mede a desigualdade

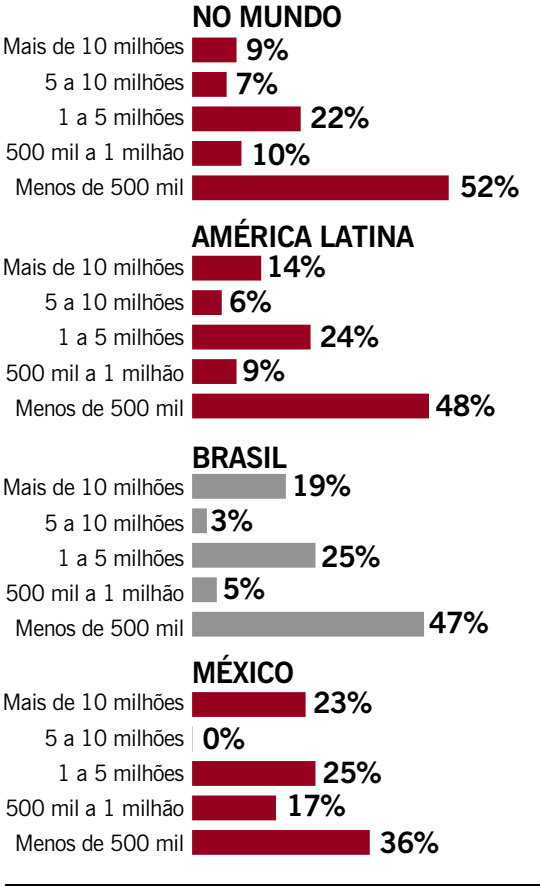


OBS: Não há dados para Cuba e o Haiti

População vivendo em cidades



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE ACORDO COM O NÚMERO DE HABITANTES DAS CIDADES



REGIÃO TEM OITO MEGACIDADES

População das respectivas regiões metropolitanas

